

humanitas



Vol. XXXV-XXXVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XXXV-XXXVI



MCMLXXXIII-MCMLXXXIV
C O I M B R A

DIDACVS PYRRHVS LVSITANVS, POETA E HUMANISTA *

Não são numerosos aqueles que hoje têm conhecimento da existência do poeta Didacus Pyrrhus Lusitanus, nascido em Évora, em 5 de Abril de 1517.

Alguns dos que dele ouviram falar em nossos dias encontraram Diogo Pires nas páginas de Aquilino Ribeiro que muito ligeiramente intitulou de «Pyrrhus Lusitanus, judeu errante e pinga-amor» o capítulo que lhe dedicou no seu livro *Portugueses das Sete Partidas*, cuja primeira edição é de fins de 1951 ou começos de 1952.

Quase tudo o que de aproveitável se lê em Aquilino, o certo e o errado, vem de um pequeno livro hoje raríssimo, publicado em Livorno em 1905 por António Portugal de Faria sob o título de *Portugal e Itália*, mas da lavra de D. Frei Fortunato de São Boaventura.

Aí se confundem Luís Pires, médico eborense e também poeta novilatino, com Diogo Pires, considerado igualmente médico. Esta última actividade de Didacus Pyrrhus, afirmada pelo arcebispo de Évora e repetida por Aquilino, foi também por mim aceite num capítulo do meu livro *Estudos sobre a Época do Renascimento*, publicado em 1969. Mas hoje estou menos seguro de que Diogo Pires fosse colega do seu amigo e parente Amato Lusitano, embora nos seus versos se manifeste vivo interesse pela medicina, por exemplo, em matéria de dieta alimentar, em numerosas referências a carnes, peixes e frutos que convêm ao homem. E ainda na ausência de epigramas contra os médicos. Mas o universalismo cultural dos homens do Renascimento torna

* Comunicação apresentada ao «Congresso Internacional dos Descobrimientos Portugueses e a Europa do Renascimento», na Fundação Gulbenkian, em Lisboa, no dia 21 de Junho de 1983. Aqui acrescida de um *Aditamento*.

perigoso considerar marca de profissão aquilo que pode não passar de genérico interesse cultural.

Em nota de investigação publicada na revista *Humanitas* XXIX-XXX (1977-78), tive a ocasião de esclarecer uma confusão que, iniciada no *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum qui Latine scripserunt*, vol. I (1745), continuou no *Portugal e Itália* de D. Frei Fortunato de São Boaventura e, através deste livro, chegou aos nossos dias.

Trata-se dos versos da famosa *Epístola a Inácio de Moraes* de Pedro Sanches, onde este refere sessenta poetas novilatinos, na sua maioria, seus contemporâneos.

Aí menciona dois médicos, ambos poetas em latim:

Non procul hinc uideo Pindo duo flumina sacro
Nymphis et Musis facili labantia cursu,
Serranum Pyrrhumque meum, quos in arte medendi
Non superent docti Podalirius atque Machaon.

«Não longe daqui vejo correrem do Pindo, consagrado às Ninfas e às Musas, dois rios de fácil corrente, Serrão e o meu querido Pires, tais que na arte de curar os não superam os sábios Podalírio e Macaon.»

Tive ocasião de mostrar que Pires aqui é Luís Pires e não o mais famoso Diogo Pires, conhecido internacionalmente por Didacus Pyrrhus Lusitanus ou Iacobus Flavius Eborensis e, no seu testamento feito em Dubrovnik, na actual Jugoslávia, por Icaías Cohen. E do mesmo modo, os versos de Diogo Mendes de Vasconcelos, no *Portugal e Itália*, se referem a Luís e não a Diogo.

Os dois médicos, ambos poetas latinos e ambos eborenses, são, portanto, Luís Pires e Lopo Serrão. Este último publicou em 1579 um longo poema em dísticos elegíacos, com 14 cantos e cerca de 8000 versos, intitulado *De Senectute et aliis utriusque sexus aetatibus et moribus*, ou seja, *Sobre a Velhice e outras idades e costumes de ambos os sexos*, que será, em breve, a tese de doutoramento de um dos nossos assistentes em Coimbra (1).

(1) Sebastião Tavares de Pinho, *O poema DA VELHICE de Lopo Serrão. Introdução, texto e aparato crítico, tradução e notas*. Coimbra, 1983.

Gostaria, porém, de ocupar-me de Didacus Pyrrhus Lusitanus, o poeta nascido em Évora, que foi morrer, mais de oitenta anos depois, em Ragusa no Adriático, hoje chamada Dubrovnik. É uma bela cidade antiga que lembra Évora em muitas das suas ruas, edifícios e muralhas, mas fica situada sobre o mar e não sobre a planície, como Évora.

Em sucessivas «Notas de Investigação» (n.ºs XII, XIII e XIV) da revista *Humanitas*, em 1978 e 1980, tenho vindo a ocupar-me de Diogo Pires e para lá remeto os interessados em mais pormenores. Mas a minha preocupação com o poeta é mais antiga.

Foi em 1965, num artigo publicado no vol. X da *Revista Portuguesa de História*, com o título de «A propósito do *Amato Lusitano* de Ricardo Jorge», que traduzi em prosa um poema latino de Diogo Pires, dedicado ao seu amigo, e ainda parente, João Rodrigues de Castelo Branco, conhecido pelo nome humanístico de *Amatus Lusitanus*. Não resisto a ler aqui essa despretensiosa tradução:

«Que infelicidades e que trabalhos ou que perigos sofremos,
ó Rodrigues, bem vês, enquanto seguimos fugitivas pelo orbe
inteiro as moças, filhas de Júpiter.

Sim, eu vi, eu que outrora busquei com todos os meus anseios
as águas alouradas do Tormes!

De novo sou forçado a ir para o mar, de novo a dar ao Noto
as velas branquejantes. As velas a Ncto, e a confiar às ondas
hespérias uma vida tantas vezes açoitada pelas tempestades.

Ah, algum dia me será concedido rever os lugares pátrios e
as doces feições da minha Pyrmila? vivendo onde me é doce viver e,
ao extinguir-me, doce morrer?

Acaso um céu cruel (deuses, por piedade!) guardará meus
ossos em sepulcro estrangeiro? longe dos antigos lares? longe da
face dos meus? Que culpa minha merece impiedade tamanha?
Mas a deusa que tudo governa com cego arbítrio, lá veja! Por
mim, decidi antes sofrer com peito forte todas as contrariedades,
que abandonar o doce estudo das Aónides, os claros cantos das
irmãs.

Este é o meu amor, este o cuidado que só ocupa o meu espírito.
O mais considero-o nada.

Entretanto, vivas tu por muitos anos com saúde, ó Rodrigues,
lembrado do teu velho companheiro! Goza agradáveis ócios!

Que vantagem traz consigo esse trabalho insano? Demoremo-nos na terra muito ou pouco, uma urna breve nos aguarda» (2).

Este poema melancólico tem por título *Ad Ioannem Rodericum Medicum Louanium petiturus*, «A João Rodrigues, médico, quando o Autor partia para Lovaina». Foi, evidentemente, escrito no exílio.

Há referências a Diogo Pires nas *Centúrias* do Amato Lusitano e ao Amato nos versos de Diogo Pires.

(2) Ad Ioannem Rodericum medicum Louanium petiturus.

Quos patimur casus, et quos Roderice labores,
 Quaeue pericula uides,
 Dum sequimur toto fugientes orbe puellas
 A Ioue progenitas.
 En ego uidi qui dudum uotis petii omnibus undas
 Tormidis aureolas.
 Rursus in ire fretum, rursus candentia cogor
 Pandere uela Noto.
 Vela Noto, et totiens iactatam credere uitam
 Fluctibus Hesperiiis.
 Heu patrias unquam dabiturne reuisere sedes,
 Dulciaque ora meae
 Pymillae? uiuente mihi qua uiuere dulce est,
 Dulce cadente mori.
 An mea (dii uestram) peregrinis ossa sepulcris
 Condet acerba dies?
 Antiquis procul a laribus? procul ore meorum?
 Quae mea culpa nefas
 Commeruit tantum? sed quae dea caetera caeco
 Temperat arbitrio,
 Viderit ista, mihi certum est prius omnia forti
 Pectore dura pati,
 Quam dulce Aonidum studium, quam clara sororum
 Carmina deserere.
 Hic amor est, haec cura meam premit unica mentem.
 Caetera nulla puto.
 Interea longum ueteris, Roderice, sodalis
 Viue ualeque memor.
 Otia grata teras, nam quae fert commoda secum
 Improbus iste labor?
 Cum tamen in terris nimium, paulumue moratos
 Nos breuis urna manet.

Mais tarde, quando o Amato faleceu em Salonica, em 1568, escreveu o seu epitáfio que o historiador do Judaísmo, Cecil Roth, e a *Enciclopédia Judaica* (*The Jewish Encyclopedia*) dão como perdido. Todavia, já o li em três obras diferentes, uma delas a *Biblioteca Lusitana* de Barbosa Machado. A *Jewish Encyclopedia* confunde também Ragusa na Dalmácia, a actual Dubrovnik, com Ragusa na Sicília, dando Diogo Pires como falecido em território italiano.

O interesse que manifestei por Diogo Pires em 1965 não mais esmoreceu, embora tivesse de retardar por uns anos a minha visita a Dubrovnik que vim a fazer em 1980, no Verão.

Com efeito, incluí o artigo referente ao Amato Lusitano e a Diogo Pires no meu livro *Estudos sobre a Época do Renascimento*, publicado em 1969. Escrevi o artigo referente a Pires no volume 15 da *Enciclopédia Verbo*, acabado de imprimir em 1973. Dediquei-lhe a nota de investigação «Luís Pires e não Diogo Pires», em 1977. Referi-me a ele, mais do que uma vez, no meu livro *Estudos sobre o Século XVI*, cuja primeira edição é de 1980, ano em que saíram também mais duas «notas de investigação» na revista *Humanitas*, a saber, «Diogo Pires, Évora e o Algarve» e «Diogo Pires sobre a morte de D. João II». Finalmente, no ano lectivo de 1981-82, dediquei-lhe um curso monográfico na cadeira de «Latim Renascentista», traduzindo com os alunos, quase todos os poemas de uma colectânea do século XVIII, intitulada *Poemata Illustrum Ragusinarum liber secundus*, pertencentes a Diogo Pires, que eu trouxera do Arquivo Histórico de Dubrovnik. Esses poemas vão agora ser publicados em versão portuguesa por um dos alunos desse curso, actualmente assistente da Faculdade de Letras de Coimbra (3). Espero que venha a fazer a sua tese de doutoramento sobre o eborense.

Voltando agora aos versos de Diogo Pires. Neles a saudade da pátria, e em especial de Évora, irrompe a cada passo.

No poema dirigido ao seu amigo ragusino Nicolau Gótió, ele conta como se alvoroça, quando lhe dizem que alguém chegou das costas da pátria — Dubrovnik era então um porto de mar com ligações

(3) Carlos Ascenso André, *Diogo Pires — Antologia Poética*. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1983.

para a Índia e comércio com Portugal —, e como submete o viajante recém-chegado a um inquérito ansioso:

«Nasceram bem as searas? A uva está bem madura? E a folhagem da oliveira branqueja no devido tempo? Ah, não? Que pena! e inquirirei se, por onde costumava, o Mondego passa ainda com as suas águas tão cantadas. Tudo pergunto. E se ele me responde o que desejo, alegrias mil acorrem a meu peito.

E de novo, lá começo: «Por ventura, ouviste falar, há pouco, das muralhas próximas das costas de Ulisses? E daquelas por onde, à volta, trazida em serena corrente, brinca a água de prata, obra célebre do rei João?

Enquanto por estes membros circular o sopro da vida, nunca essas coisas deixarão a minha alma.

Viram elas o meu nascimento, nas Nonas de Abril, quando, ao desfazer das trevas com a chegada do dia, a religião simples do povo espalha no chão os verdes ramos da oliveira e as palmas vindas do Oriente. Foi no ano famoso pela vitória de Selim e pela ruína do império Paretónio.

A mim, porém, conta agora Élide duas vezes seis olimpíadas a juntar aos dois invernos que passaram.» (4)

-
- (4) An bene nata seges? num permaturuit uua?
 Num tempestiua canet oliua coma?
 Ah pudet! Et dicam, si qua prius ire solebat,
 Hac quoque laudatis Monda feratur aquis.
 Omnia percunctor; si quae uolo, rettulit ille,
 Occurrunt animo gaudia mille meo.
 Rursus et incipio: num fors tibi cognita dudum
 Moenia Ulyssaeis proxima littoribus?
 Quae circum lento deducta Argentea riuo
 Ludit, Ioannis nobile regis opus?
 Donec in hos ibit uitalis spírítus artus,
 Illa meo numquam pectore deciderint.
 Videre illa meos Nonis Aprilibus ortus,
 Iam tenebris pulsís et ueniente die,
 Cum uírides oleas palmasque Oriente petitas
 Spargit humi uulgi candida relligio.
 Annus et hic magno fertur uictore Selino
 Nobilis imperii clade Paretonii.
 At mihi iam brumis fugientibus aucta duabus
 Annumerat bis sex Elis olympiadas.

Enfim, o poeta nasceu em Évora, um domingo de Ramos, a 5 de Abril de 1517, e passaram cinquenta anos sobre essa data. Em 1567, ao longo de todo este poema, Diogo Pires tenta provar ao seu amigo Góttio que mais duradouro que o amor das mulheres, sempre vário, é para o homem o amor da pátria distante. E nele a recordação de Portugal e a saudade de Évora são imperecíveis.

A restauração do aqueduto da Água da Prata era uma questão polémica discutida em versos latinos por André de Resende e D. Miguel da Silva, o escrivão da puridade de D. João III e bispo de Viseu, que, com grande escândalo do soberano, havia de fugir de Portugal para se tornar cardeal em Roma.

Diogo Pires devia conhecer os versos de Silva e Resende, pois fez elogiosas referências a um e a outro, mais de uma vez, e com André de Resende deve ter mantido relações epistolares de que adiante falarei.

Resende escreveu ainda um tratado sobre os aquedutos, oferecido em manuscrito ao rei D. João III — creio que em 1543 — que apenas conheço de referências indirectas no diálogo (5) sobre a *Conversão de São Frei Gil*. Diga-se de passagem que D. Miguel da Silva era também eborense e filho do conde de Abrantes.

Das recordações de Évora mencionarei ainda quatro versos do poema *De Exilio Svo* («Sobre o seu Exílio»):

At procul, et longo terrarum dissita tractu 15
 Est Eborā: heu puero cognita terra mihi!
 Salve, terra mei natalis conscia, salve
 Non oculis posthac terra uidenda meis.

«Mas longe daqui, e separada por uma longa extensão de terras, está Évora: oh, terra que eu conheci em criança!

Salve, terra confidente do meu nascimento, salve, terra que os meus olhos, depois, não mais haviam de ver!»

Também sobre a História de Portugal se encontram abundantes comentários nos seus versos.

(5) Cf. Américo da Costa Ramalho, *Estudos sobre o Século XVI*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 21983, p. 352.

Verifica-se até, em relação a D. João III, uma atitude de simpatia um pouco surpreendente, se nos lembrarmos de que o monarca, ao introduzir no País a Inquisição, tornou difícil a vida em Portugal para os judeus convertidos, muitos deles à força, e impossível a prática da religião judaica.

A raiva de Diogo Pires concentra-se nos Reis Católicos, especialmente em Fernando de Aragão, descendente de uma judia (segundo ele) e perseguidor da sua própria raça. Estranhamente, Fernando o Católico faleceu em 1516, um ano antes do nascimento de Diogo Pires.

O poema *De Exilio Suo* teria sido composto em 1583 (6), se as doze olimpíadas (contadas a quatro anos) nele referidas, se reportarem ao ano da saída da Península Ibérica em 1535. Nessa altura, reinavam em Portugal reis espanhóis, descendentes de Fernando e Isabel a quem o poeta torna responsáveis longínquos pelo seu próprio destino de judeu errante.

Mas na carta ao historiador italiano Paolo Giovio, escrita em Ferrara em Fevereiro de 1547, não oculta as culpas de D. João III na perseguição aos judeus, embora acrescente que «muitos acreditaram não ter sido ele movido por outra razão senão satisfazer os desejos de Catarina, sua mulher. Com efeito, esta criatura, profundamente ambiciosa, calculando que os judeus eram riquíssimos, e desejando apoderar-se dos seus bens, trazia continuamente à memória do marido

(6) As olimpíadas eram «de quatro em quatro anos», o que em latim se dizia *quinto quoque anno*, «em cada quinto ano». Com efeito, os latinos contavam o ponto de partida e o de chegada, por forma tal que entre dois e quatro a diferença era de três. Por isso, os poetas latinos empregaram, ocasionalmente, *olympias* como forma poética de *lustrum*, isto é, para designar um período de cinco anos. Mas Diogo Pires era também helenista e pode ter usado *olympias* com o valor originário de quatro anos.

A verdade é que, se a poesia «ad Nicolaum Gottium» foi composta em 1579 — $2 + (5 \times 12) = 62$, depois de 1517 — é um pouco surpreendente que não haja nela uma alusão sequer, entre as novidades da pátria, ao desastre de Alcácer-Quibir, em 4 de Agosto de 1578. Prefiro, por isso, fazer o cálculo, contando quatro anos por cada olimpíada.

Do mesmo modo, neste poema *De Exilio Suo*, as olimpíadas, contadas a cinco anos cada, levar-nos-iam a 1595, quando o poeta tinha 78 anos e estava a quatro anos da sua morte, ocorrida em 1599. Parece-nos o poema vigoroso demais para idade tão avançada.

Tudo isto, porém, é subjectivo. Quando estes poemas foram estudados no curso de Latim Renascentista, usámos a olimpíada de cinco anos.

o avô de ambos, o rei Fernando, e os seus êxitos e vitórias que afirmava ter ele alcançado, exactamente porque não poupava género algum de crueldade na perseguição aos hebreus» (7).

Segue-se uma diatribe contra Fernando o Católico, recordando Diogo Pires que no cerco de Toro tinham sido lançados à cara do rei de Castela os seus ascendentes judaicos, nomeadamente o nome de uma tal Paloma, sua bisavó hebreia.

E já que falo desta carta de Diogo Pires a Paulo Jóvio, nunca até hoje estudada, devo esclarecer que se trata de um longo documento em que o humanista faz a história da sua vida até àquele momento, com os seus estudos em Lovaina e Paris, a sua peregrinação por Inglaterra onde tomou parte nas negociações com o rei, em Londres, para estabelecimento dos judeus portugueses, contra os embaraços que na própria Grã-Bretanha lhes causaram alguns castelhanos. A sua passagem pelos Países Baixos, de que na carta menciona ainda Antuérpia, e a vinda para Itália com seu pai. A mãe falecera, entretanto, ao que suponho, na Bélgica.

Nessa carta a Paulo Jóvio, o nosso compatriota censura o historiador italiano, por nas suas obras latinas, destinadas a toda a Europa, os seus *Elogia*, esquecer sistematicamente os portugueses. D. Jerónimo Osório dirá um dia que o olvido de Jóvio provinha de D. João III nunca o ter presenteado (8).

Aproveita a ocasião para mencionar alguns humanistas portugueses como, entre os falecidos, «Henrique (Caiado), (Luís) Teixeira e (Diogo) Pacheco» e, entre os vivos, «o poeta Resende, o ilustre historiador (António) Pinheiro de Porto de Mós, (Jorge) Coelho, (Jerónimo) Cardoso, António Luís» e Damião de Góis, há pouco feito prisioneiro pelos franceses na Bélgica e regressado a Portugal, com desejo de se passar à Índia.

É curioso notar que os três humanistas falecidos, Caiado, Teixeira e Pacheco, todos tinham profundas relações com a Itália onde Diogo Pires se encontrava agora, ao escrever, em 1547, a carta a Paulo Jóvio.

(7) «(...) nec alia tum ratione adductum fuisse permulti credidere, nisi ut Catherinae uxoris desiderio satisfaceret. Enimuero mulier auaritiaie intensae cum summas huic populo opes esse existimaret, quibus illa inhiabat, frequenter marito Ferdinandi, communis aui, felicitatem uictoriasque in memoriam reducebat, quibus illa eam potissimum ob causam potitum regem affirmabat, quod in Hebraeis persecendis nullum immanitatis genus omiserat (...).»

(8) A. Costa Ramalho, *Estudos sobre o Século XVI*, 2.^a edição, pp. 380-381.

Prosseguindo, o português faz o panegírico de Lisboa, grande cidade europeia do século XVI, recordando que «dela fez um grande elogio Resende, naquela oração em que louvou as Belas-Letras, há treze anos, e se encontra impressa.» (9)

Esta oração de 1534 é bem conhecida e pronunciou-a André de Resende na abertura solene do ano lectivo de 1534-35, na Universidade de Lisboa.

Também nessa carta se encontra um elogio de Diogo Pires ao Algarve, creio que o primeiro trecho de propaganda turística algarvia, que já publiquei na revista *Humanitas*, em 1979.

Continuando a falar sobre Portugal, recorda o recente abandono de três praças fortes no Norte de África, duas delas voluntariamente, e refere uma descrição da perda da «vila de Santa Cruz do Cabo de Gué», que leu em Londres e promete enviar em latim a Paulo Jóvio, se conseguir havê-la à mão.

Anteriormente, fizera o elogio dos grandes feitos navais e militares dos portugueses que espera ver recordados em livros futuros por Paulo Jóvio.

Em Ferrara, de onde a carta é enviada ao historiador italiano, publicou Diogo Pires em 1545 um dos seus livros de versos, *Carmina*, em latim, assinando-se Didacus Pyrrhus Lusitanus.

Em 1547, ainda em Ferrara, e no mesmo ano da carta, Diogo Pires é interlocutor de um diálogo de Lílio Gregório Giraldi, intitulado *De Poetis Nostrorum Temporum*. Fala dos poetas ingleses e, naturalmente, dos portugueses.

Menciona de novo Henrique Caiado de cuja obra poética faz o elogio, recordando a apreciação lisonjeira que lhe consagrara Erasmo no *Ciceronianus*. A este propósito, outro interlocutor, que é o próprio autor do diálogo, Lílio Gregório Giraldi, descreve o aspecto físico do poeta, com um certo gosto do pitoresco, recordando a sua passagem por Ferrara e os amigos que lá deixou.

É ainda Lílio Gregório quem recorda Luís Teixeira e Aires Barbosa, ambos alunos do humanista florentino Ângelo Policiano. Como atrás vimos, estes figuram também na carta a Paulo Jóvio, entre os intelectuais portugueses de Itália, já falecidos. E no diálogo *De Poetis Nostrorum*

(9) «Multa de eius urbis laudibus scripta sunt a Rhesendio in ea oratione qua publice bonas artes anno abhinc XIII laudatur, extatque ea oratio formis excussa».

Temporum, Diogo Pires junta alguns pormenores biográficos muito interessantes, sobretudo a respeito de Luís Teixeira.

Em relação aos contemporâneos, um elogio especial é feito a D. Miguel da Silva que era então cardeal em Roma. Dele recita Diogo Pires um epigrama latino que a cidade de Roma fizera esculpir, para assinalar uma importante descoberta arqueológica, e colocara no Capitólio.

A conversa passa depois a poetas novilatinos residentes em Portugal, a saber, Jorge Coelho de quem li, com alguma satisfação, que Diogo Pires o considerava fraco poeta (10), opinião que eu já tinha antes de conhecer a de Diogo Pires. Isto para mim tem interesse, porque os versos de Jorge Coelho são entre nós muito louvados.

Outro poeta mencionado é André de Resende de quem Pires diz textualmente e eu traduzo: «Vive também hoje Lúcio André de Resende, o poeta, também ele português e bem douto, que cantou a vida do mártir São Vicente e traz entre mãos a história da província romana da Lusitânia e compôs o “Genetífaco dum menino régio” e o livrinho “Sobre a miséria dos cortesãos”.» (11)

Depois desta menção de obras resendianas, todas de facto publicadas antes de 1547, ano do diálogo, passava Diogo Pires a ocupar-se de Lourenço de Cáceres, quando Lílio Gregório Giraldi, interlocutor e autor da obra, o interrompe para comentar: «Pires, bem falaste dos teus compatriotas, mas com licença dos restantes, tu pareces-me superior em mérito poético a quantos recordaste, quer no canto heróico, quer nas modulações da elegia ou do verso lírico. E no jogo espiritualoso dos hendecassílabos brincas com não menos elegância do que finura, como os teus opúsculos, em parte publicados, em parte prestes a verem a luz, hão-de mostrar a toda a gente. E, entretanto, não obstante honrares Portugal com o brilho da tua poesia, a pátria revela ingratidão tanto maior para contigo, quanto é certo que consente que há tantos anos peregrines, exilado e fugitivo, por diversas partes da

(10) «(...) Georgius Coelius poeta Lusitanus, multa quidem ille suis carminibus pollicens, sed parum meo quidem iudicio exulta uidentur (...).

(11) «Est et hodie L. Andr. Resendus poeta, et ipse Lusitanus, doctus sane, qui D. Vincentii martyris uitam descripsit, et historias Prouinciae Lusitanae in manu habet, et Genethliacon Regii pueri et de uitae aulicae miseria libellum composuit.»

terra. Quantas obras não comporias tu, maiores e melhores, se pudes-
ses levar vida sossegada e sem cuidados!» (12)

As palavras de Lílio Gregório são confirmadas por Ricci, o interlocutor que a seguir toma a palavra.

O diálogo transmitido pelo *De Poetis Nostrorum Temporum* situa-se no ano em que Ana de Este, filha do duque Hércules II e de Renata de França, casou com Francisco de Guise, em 1547.

Muitos anos mais tarde, possivelmente, em 1568, também de Ferrara o poeta escreve a sua «Ode IV: a Lúcio, poeta português» que já foi interpretada por um erudito jugoslavo, o Dr. Duro Körbler, como dirigida a Luís de Camões. Creio ter provado que «Lucius» é André de Resende, no trabalho que publiquei em 1981 com o título de «Lúcio, poeta-fantasma, e Luís de Camões».

O poema refere-se à entrega do poder a D. Sebastião e é natural que Diogo Pires, iludindo-se sobre a influência de que gozava Resende, quisesse com os seus versos propiciar o regresso a Portugal. A verdade é que ainda em 1596, o exilado eborense publicava um livro que recorda no título Évora, Lisboa e Portugal:

Flavii Iacobi Eborensis Cato Minor siue Disticha Moralia ad Ludimagistros Olysiponenses. Accessere Epigrammata, & alia nonnulla eodem auctore, quae sequens pagella indicabit. Opus pium, et erudiendis pueris adprime necessarium. Venetiis, MDXCVI. Apud Felicem Valgrisiu m, à letre, Da autoria de Diogo Flávio Eborense o Catão Menor ou Dísticos Morais, dedicados aos Professores Lisbonenses. Juntam-se Epigramas e algumas outras composições da mesma autoria, as quais serão indicadas na página seguinte. Obra piedosa e muito necessária à educação dos rapazes. Veneza, 1596.

Neste capítulo, algumas coisas precisam de explicação. Em primeiro lugar, o nome do autor que conhecíamos até aqui por Didacus Pyrrhus Lusitanus e que agora nos aparece como Iacobus Flavius

(12) «Pyrrre, inquam, tu recte de tuis es locutus, sed caeterorum pace dixerim, tu mihi unus super omnes, quos recensuisti, in poetica pollere uideris, siue heroicam canas, siue elegum, siue lyricum moduleris: nam hendecassyllabis non minus eleganter quam argute ludis, ut tui libelli partim editi, partim propediem edendi palam ostendent: sed tu cum Lusitaniam tanto poetices honore illustres, eo illa in te magis ingrata, quod te tam diu exulem, ac profugum diuersas orbis partes peragraré permittit: quanta maiora et meliora faceres, si otiosam pacatamque ageres uitam. Recte tu quidem et uere de Didaco, inquit Riccius, sed permittamus (...).»

(ou Flavius Iacobus) Eborensis, dualidade de nome que já mencionámos atrás, de passagem. Os *praenomina* *Didacus* e *Iacobus* significam «Diogo», os *nomina* *Pyrrhus* e *Flavius* são também idênticos, um em grego, *πυρρός* «avermelhado», com que o poeta verteu o português «Pires», e *Flavius* que é em latim a tradução de *πυρρός* ou *Pyrrhus*. Finalmente, *Eborensis* e *Lusitanus* equivalem-se. Veremos adiante que em Dubrovnik, ao fazer o seu testamento, o poeta usou o nome de Isaías Cohen.

Voltando ao título do livro, o *Cato Minor*, expressamente mencionado, é um dos opúsculos que compõem a obra, e alude a um livro didáctico famoso na pedagogia dos séculos xv e xvi, chamado os *Disticha Catonis* de que Gil Vicente (13) cita versos. Note-se ainda como em 1596, três anos antes da sua morte, ao dedicar esta verdadeira antologia dos seus versos, em cerca de 250 páginas de impressão cerrada, aos «mestres de escola lisboetas», Diogo Pires tinha o pensamento fixo na pátria.

A impressão em Veneza não significa que o poeta se encontrasse na grande cidade do Adriático em 1596. O livro podia ter sido composto a partir de opúsculos já publicados ou de um manuscrito enviado de Ragusa, a actual Dubrovnik, república marítima e comercial em ligação constante com a República de Veneza, através do Adriático.

Mas as presenças em Ferrara, em 1547, quando se passa o diálogo *De Poetis*, e em 1568, se calculei bem a data da ode a André de Resende, parecem-me mais seguras, sobretudo a primeira.

Isto fornece a investigadores futuros pistas novas para as pesquisas sobre a vida de Diogo Pires. Com efeito, em Ferrara, sob a protecção dos duques da casa de Este, reuniam-se na mesma altura em que o humanista aí se encontrava, numerosos portugueses de origem judaica e aí foram impressas obras em português como a *Comsolaçam às Tribulaçoens de Israel* composto por Samuel Usque, em 1553, «em casa de Abraham aben Vsque» e, na mesma tipografia, em 1555, o *Livro das Saudades*, isto é, a *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro.

Aí existia mesmo um cemitério dos judeus portugueses que Diogo Pires referiu num pequeno poema em dísticos elegíacos, impresso na colectânea dos poetas ragusinos, no século xviii, com o título *De Lusitanorum tumulo in urbe Ferraria*.

(13) Américo da Costa Ramalho, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1969, p. 162 e segs.

Mas foi em Dubrovnik que acabou a sua vida, ou lá perto, em Castelnuovo di Dalmazia, actual Herceg-Novi, onde há poucos anos estavam para lhe inaugurar o busto, no meio dum jardim florido. Em Castelnuovo compôs o poema *De Exilio Suo*.

Em Dubrovnik gozou da mais alta consideração da urbe, viveu no meio da camada social mais alta, escreveu poemas sobre as famílias mais notáveis, cantou o patrono da cidade, São Brás, num poema que o Senado Ragusino premiou. Foi uma espécie de poeta laureado e, como escreveu o Dr. Körbler atrás referido, «poucos ragusinos serviram tanto como este imigrante a glória da República de Ragusa».

Sobre o local e data da sua morte, continuo a ter dúvidas. Depois de ter escrito que morreu em Ragusa (Dubrovnik), vim mais tarde a admitir que o local do seu falecimento foi Herceg-Novi ou Castelnuovo, um pouco a sul de Dubrovnik, na mesma costa do Adriático.

Uma nota do editor ragusino do poema *De Exilio Suo* levou-me a aceitar a data de 1607, conhecida entre nós desde o *Portugal e Itália* de D. Frei Fortunato de São Boaventura, o famoso bispo eborense do século passado. D. Frei Fortunato bebeu na mesma fonte.

Mas hoje, depois da leitura de uma fotocópia (14) do testamento de Diogo Pires, penso que terá falecido em Ragusa, em 1599, conforme a cota marginal do notário.

O testamento está redigido em italiano, a língua culta da cidade no século XVI, e começa: «Em nome de Deus, no dia 6 de Novembro de 1597, em Ragusa, na casa de habitação do abaixo assinado, situada no *ghetto* onde habitam os judeus, encontrando-me eu Isaías Cohen, doutor, são de corpo e de espírito, pela graça de Deus...» (15).

Por estas palavras, e por tudo o que segue, pode concluir-se que, não obstante as boas relações de Diogo Pires com os representantes do Catolicismo, nomeadamente os Jesuítas, documentadas nos seus versos, o poeta acabou na fé dos seus antepassados e no lugar de resi-

(14) Foi-me facultada esta cópia pelo Dr. Fernando Catroga, assistente da Faculdade de Letras de Coimbra, que a obtivera dum amigo residente na Jugoslávia, o Dr. Jorge de Carvalho. Devo a sua leitura, muito difícil, à Dr.^a Marie Louise Ayme, leitora da mesma Faculdade.

(15) Note-se que o testamento é de 1597, mas o falecimento do Dr. Isaías Cohen, segundo averbamento do notário, deu-se em 1599. Ao alto da página o título é: «Testamentum Doctoris Isayae Coen hebrei».

dência dos seus irmãos de raça, portanto, no bairro judaico. Um dos beneficiários do seu testamento é a sinagoga.

Fica em aberto a questão de saber o que significa aquele «doutor» — nas anotações marginais do documento, repetido em «Dr. Isaias Cohen» — se simplesmente «professor», se médico também, como já escrevi. E ainda o problema dos seus parentes de Évora, pois o testamento, que revela um certo conforto de meios financeiros, só menciona pessoas residentes na área de Dubrovnik ou lá perto, nomeadamente os sobrinhos e um irmão.

Verdade seja que Évora, tão perto do coração, estava longe no espaço, embora nunca esquecida, como prova este dístico:

Ebora

Haec Ebora est, uates ornauit quam Flauius urbem
Et quam plus oculis diligit ille suis

«Esta é Évora, cidade exaltada pelo poeta Flávio / e que ele mais ama do que os próprios olhos.»

De todos os portugueses, aquele que mais o impressionou foi sem dúvida D. Sebastião, cujo destino trágico refere com frequência, por vezes até, aparentemente, fora de propósito.

Arrastado no destino que levou o rei para a morte, encontrou-se também Lourenço da Silva, o regedor das justiças, mecenas de poetas, bem conhecido da «petição» que lhe dirigira Camões em favor de «ũa nobre moça presa no Limoeiro da cidade de Lisboa por se dizer que fizera adultério a seu marido, que era na Índia».

Diogo Pires escreveu o seu epitáfio com que termino este meu trabalho:

A Silva que no exército africano, com o rei Sebastião morreu,
Epitáfio:

Ó Silva que tombaste, seguindo à guerra cruel o teu
rei, ai!, tu és mais uma causa para as minhas lágrimas!

Quer estejas caído num solo qualquer, quer sob as águas
te revolvam as ondas para aqui e para ali, aceita este breve
poema.

Tu que foras a parte melhor do nosso povo, ao morrer a pátria infeliz, ó Silva, como tu morres bem com ela!» (16)

Mais tarde, no *Camões* de Garrett, será o maior dos nossos poetas a repetir este mesmo pensamento.

ADITAMENTO

Enquanto aguardava a publicação deste trabalho, o acaso das leituras trouxe-me algumas informações curiosas.

Um documento publicado pelo Prof. Eduardo Nunes no artigo «A Reconciliação de Abraão Cohen, 1570», *Portugaliae Historica* II, Lisboa, 1974, pp. 303-313, permite relacionar Diogo Pires, pelo menos em hipótese, com alguns judeus que parecem pertencer à sua família e também talvez à do seu amigo e parente João Rodrigues de Castelo Branco, o médico *Amatus Lusitanus*.

O testamento de Diogo Pires, como atrás dissemos, foi inicialmente feito em Ragusa, em 6 de Novembro de 1597, mas na parte final há acrescentos datados de «il giorno d'hoggi che sono noue di maggio del 1599». O falecimento do Dr. Isaiás Cohen ou Diogo Pires parece ter ocorrido dias depois em 17 de Maio, segundo uma nota inicial em latim (17).

Os parentes do Dr. Isaiás Coen, mencionados pelo nome no testamento, são o seu irmão «Cain de Jacob Coen» e um sobrinho «Cain de Isay Coen». Ora nomes muito parecidos com estes surgem na «Reconciliação de Abrãao Coen» na Inquisição de Lisboa, em 1570.

(16) Syluae, qui in acie Africana cum Sebastiano rege perit, Epit.

Sylua, tuum regem, qui dira in bella secutus
 Occidis (heu) lacrimis altera causa meis.
 Siue solo quocumque iaces, seu mersus ab undis
 Volueris huc, illuc: hoc breue carmen habe.
 Quam bene, qui nostrae fueras pars optima gentis,
 Dum cadit infelix patria, Sylua cadis.

(17) «Testamentum Doctoris Isayae Coen hebrei / MDXCIX Jud.^{ne} xij Die uero 17 Maij Ragusij. Hoc est Testamentum / quon(dam) Doctoris Isaya'Coem hebrei hodie sepulti repertum in Notaria/publica ciuitatis eiusdem ubi datū fuerat seruandū inter alia Tes/tamenta Viuentiū ex consuetudine; cui Testam.^{to} erant ascripti / Testes s. Stephus Benessa iudex et Scipio Lucell Not. s. cuius Tes/tamenti tenor sequitur.»

Com efeito, o jovem Abraham Coem, nascido em Antuérpia, cerca de 1548, chamou-se no baptismo cristão Diogo. Seu pai Isac Coem era de Sarzedas, perto de Castelo Branco, e sua mãe de Castelo Branco. O nome cristão do pai fora, segundo supunha, João Mendes. Da mãe, D. Rica, ignorava o nome cristão. Sua irmã, filha de ambos, chamava-se Amata.

Menciona ainda dois irmãos de seu pai, um mais velho, chamado Cain Coen, e outro de nome Isay Coen.

Um tio, irmão da mãe, algum tempo domiciliado em Roma, chamava-se António Rodrigues de Castelo Branco e viera viver para Portugal. Foi a este que o jovem Abraão Coen se dirigiu em Lisboa, quando resolveu regressar ao país dos seus antepassados. Por seu turno, o tio aconselhou-o a dirigir-se à Inquisição, para aí declarar a sua conversão ao Cristianismo.

Abraão Coen, regressado ao nome de baptismo, passou a chamar-se Diogo Rodrigues, adoptando o apelido de sua mãe.

Não me surpreenderia muito que esta senhora Rodrigues, de Castelo Branco, com uma filha chamada Amata (um irmão de Amato Lusitano chamava-se Joseph Amatus), fosse parente, talvez irmã, de João Rodrigues de Castelo Branco, conhecido internacionalmente por *Amatus Lusitanus*.

Ora nós sabemos por Amato Lusitano que Diogo Pires (ou Isaías Coen) era seu *consanguineus*. Notemos agora, que Diogo Rodrigues (Abraão Coen) menciona dois tios, Isai e Cain Coen, e que Diogo Pires (Isaías Coen) tem um irmão Cain Coen e um sobrinho Cain, filho de Isai Coen. Parecem semelhanças demais para que não haja qualquer relação entre todos estes Coens. Por estranha coincidência, dois tios de Abraão Coen (Diogo Rodrigues) têm os mesmos nomes de dois irmãos de Isaías Coen (Diogo Pires), a saber, Isai Coen e Cain Coen.

Por outro lado, são mencionadas na «Reconciliação» a estadia ou passagem por Antuérpia, onde Diogo Rodrigues nasceu e foi baptizado; por Ancona, onde toda a família voltou ao Judaísmo e Diogo recebeu o nome de Abraão Coen; por Ferrara, Veneza e Roma; por Salonica, que estava então sob o domínio turco. Ora em todas estas cidades passou, ou viveu algum tempo, Diogo Pires, segundo testemunham a carta a Paulo Jóvio, o *Diálogo* de Giralaldi e os poemas do eborense, para não falar das referências de Amato Lusitano.